

## **Crença, devoção e festa: religião e cultura no Bumba meu Boi do Maranhão**

**Gabriel Sousa Marinho<sup>1</sup>**

**Glória França<sup>2</sup>**

### **RESUMO:**

Este artigo aborda discursos em disputa em torno dos sentidos de religião, festa popular e suas derivações de sentido no contexto do Bumba meu Boi do Maranhão. O estudo busca responder a questões-chave sobre a formulação e os sentidos de crença e devoção no contexto do Bumba meu Boi, e como esses sentidos se manifestam nos discursos relacionados à festa do São João. A pesquisa investiga como diferentes posições-sujeito constroem e interpretam a religiosidade em relação à celebração cultural do Bumba meu Boi, refletindo sobre aspectos de memória presentes nas formulações. Para isso, constituímos um corpus a partir de enunciados formulados em espaços de circulação de discursos institucionais do governo do Maranhão, assim como nos enunciados em um documentário sobre o Bumba meu Boi de Maracanã. A análise apontou para uma diversidade de estratégias discursivas presentes nas materialidades discursivas analisadas que apontam para uma multiplicidade do que se é conhecido por religião no Bumba meu Boi.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião. Discurso. Bumba meu boi. Cultura. Memória.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras-Francês pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: g50umarinho@gmail.com. ORCID: 0009-0007-5270-560X.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do departamento de Letras/UFMA e do Programa de pós-graduação em Letras/PPGLB. Email: gloria.franca@ufma.br. <https://orcid.org/0000-0002-3783-5576>

## 1. INTRODUÇÃO

“Um legado de Orfeu e não das Sereias, a música humana é fruto da cultura”. Com esta frase de Clóvis Salgado, tradutor e prefacista da obra “A música e o Inefável” do filósofo francês Vladimir Jankélévitch (2018), temos a noção de que a música é tida como produto direto da cultura, para tanto, fruto e legado do trabalho humano, sem se ater à influência ou inspiração divina. O chamado texto musical, permite uma possibilidade irrealizável, no âmbito estético, teórico, político e religioso, por haver uma *plurexistência* de significações e conceituações que permitem ainda que essa forma de arte seja tão explorada por acadêmicos e pesquisadores.

Desse modo, vemos que essa forma de expressão artística é mais que apenas uma maneira do indivíduo humano expressar sua individualidade, mas é algo intrinsecamente ligado à subjetividade da vivência humana enquanto sociedade. E quando esta está ligada com outras formas artísticas em um sistema de rede, entrecruzados a partir de seu estado significante base? Neste estudo em questão pensamos a dimensão musical entrelaçada a outras formas de expressão e em um contexto específico: a música de bumba meu boi, no Maranhão.<sup>3</sup> Iran Passos, em seu livro *A transição da cultura popular para a cultura de massa no Maranhão: aspectos do Bumba meu Boi* (2003), afirma que o evento cultural do Bumba meu boi (doravante BMB) foge às fronteiras da música ao tratar-se de um sistema de diferentes expressões artísticas compilados em seu âmago. Sendo este a criação de uma mistura de ritmos e peças teatrais em que a música é o elo entre elas.

Tendo isso em vista, o BMB é, como o próprio Passos (2003) descreve, integrante de uma rede de sentidos que nos interessa abordar considerando discursivamente os conceitos de cultura. Para o autor, existem três diferentes tipos de cultura – são elas as culturas popular, erudita e de massa. A primeira está ligada com o aspecto primitivo, sem se ater à uma forma mais prestigiada de maturação criativa. Enquanto a erudita se preocupa com o conjunto de

---

<sup>3</sup> “A tradição secular dos festejos de Bumba Meu Boi marca gerações e encanta milhares de pessoas que vêm ao Maranhão para conhecer esse traço da cultura, que resistiu ao tempo e às limitações impostas aos brincantes nos séculos passados. Chamado no Maranhão de Bumba-meu-boi, Bumba-boi ou apenas Boi, estima-se que a tradição teve início no século 18. Entretanto, as festas do boi no estado tiveram seu primeiro registro em uma nota no jornal Farol Maranhense, datada de 1829. (...) O ciclo de festividades do boi no período junino pode ser dividido em quatro etapas: os ensaios, o batismo do boi, as apresentações e a morte. Os estilos de brincar o Bumba-Boi, chamados de sotaques, são divididos em cinco. São eles: matraca, zabumba, orquestra, baixada e costa de mão, que diferenciam o modo de cada grupo brincar. Geralmente, estas diferenças podem ser percebidas nas indumentárias usadas pelos integrantes, pelos instrumentos típicos usados por eles e pelos personagens da história presentes nos folguedos. O gl preparou, logo abaixo, os tópicos onde cada sotaque é explicado para quem deseja se aprofundar mais na cultura maranhense” Cf. Sons de resistência e identidade: conheça a história do Bumba Meu Boi do Maranhão e dos sotaques nos folguedos. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ma/maranhao/saojoao/noticia/2024/06/22/sons-de-resistencia-e-identidade-conheca-a-historia-do-bumba-meu-boi-do-maranhao-e-dos-sotaques-nos-folguedos.ghtml> acessado em 15 de março de 2025.

símbolos de refinamento, traduzindo para dentro de sua manifestação cultural aquela maturação antes dita. Modernamente as fronteiras entre essas duas foram derrubadas graças ao fenômeno da socialização e da globalização, produzindo a Cultura de Massa. Ele afirma:

Com a sociedade capitalista e com o surgimento da burguesia, para Mário Pedrosa na revista *Época*, expressa a dominação ideológica e de classe da burguesia (que se identifica com a cultura erudita) sobre as classes dominadas e sobre a cultura popular de origem camponesa e proletária. No momento em que existe a massificação de uma cultura popular, dentro dos moldes da ideologia, torna-se eventualmente, e no momento de formulação, propriedade da ideologia dominante. (Passos, 2003, p. 15)

Ao observar aqueles conceitos de cultura, projeta-se sua conexão com a música a partir do que falou Vladimir Jankélévitch. O autor francês apontou que um texto informativo, como um guia de viagens, tende a manter seu conteúdo referencial, mesmo quando lido em diferentes inflexões e velocidades, ainda que, também nesse contexto regido pela busca de um sentido unívoco, preservam-se ao leitor possibilidades de realce e, até mesmo, de ironia. Contudo, como parte integrante da ideologia e de formações discursivas, falha em alcançar um só sentido, pois ali existe, o que o autor nomina, um “resto”, algo que foge à instância da linguagem verbal. É este “resto” que, em relação ao verbal, não se extingue no momento de registro musical (tendo por seu corpo o verbo, as notas e um “algo a mais”, sendo este último que nos leva ao inefável da música. Conceito esse que, em Jankélévitch (2018), remete não só ao inexprimível positivo, uma fonte inesgotável para o discurso, mas também ao imaterial. Em outras palavras, existe na música uma espécie de “sinfonia, que apreciamos sem conseguir apalpar ou reter, parece se elevar sobre as telas e esculturas, mais adaptáveis à condição de objeto, e até mesmo sobre as palavras, nas quais ainda se manifesta a concretude de um ‘corpo verbal’” (Gontijo, 2018, p. 38-39), nomeando isso o “inefável da música”.

A leitura feita pelo filósofo francês ergue uma questão feita pelo próprio Michel Pêcheux, quando este afirma que a pesquisa linguística se obriga a se constituir procedimentos capazes de abordar explicitamente o fato linguístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico (Pêcheux, 2009 [1975]). O equívoco corresponde à “área de tensão e ponto de encontro entre a materialidade linguística e a materialidade histórica” (FERREIRA, 1994, p. 153. Nessa perspectiva, na qual imbricam-se cultura (em seus diferentes sentidos) e música (em seus diferentes níveis), nos situamos para pensar discursivamente os sentidos que tensionam religiosidade e festa projetados em torno de discursos do e sobre o bumba meu boi.

A partir do dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso materialista, investigamos os modos pelos quais determinados sentidos são postos como evidentes e sempre já-lá. Pêcheux (2009 [1975]) argumenta que os discursos não são construídos isoladamente, mas dentro de uma rede de sentidos já estabelecidos, herdados do passado e da ideologia dominante. Esses sentidos “pré-construídos” são internalizados pelos sujeitos e moldam a maneira como eles produzem e interpretam discursos. Para esse fenômeno, dá-se o nome de pré-construído. Pêcheux (2009 [1975], p. 160), em sua obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, afirma que:

é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (Pêcheux, 2009 [1975], p. 160)

Do que precede, podemos nos questionar: *de que modo os pré-construídos em torno da religião e da festa materializam-se nos discursos do/sobre o Bumba meu Boi?*

O artigo se desenvolveu a partir da pesquisa de monografia “Os Sentidos de Religiosidade no Bumba meu Boi do Maranhão: crença, mito e/ou devoção”, proveniente de um percurso de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) vinculado ao projeto de pesquisa CULTURA, MEMÓRIA E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: leituras materialistas, interseccionais e decoloniais.<sup>4</sup> O trabalho de conclusão de curso buscou investigar os diferentes sentidos de religião dentro da expressão cultural do BMB do Maranhão, assim como questionar como são as formulações a partir de um sujeito inserido nas condições de produção deste movimento cultural. Em específico, o presente recorte surgiu após a arguição do trabalho em torno dos sentidos contraditórios de devoção, religião e religiosidade.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Projeto de pesquisa financiado pelo edital universal CNPq (2024) processo número 404078/2023-0, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Discursos, Interseccionalidades e Subjetivações (CNPq)

<sup>5</sup> Agradecemos a professora Mariana Jafet Cestari por provocar o recorte que veio a se transformar no presente artigo.

## 2. CULTURA E MÚSICA: DEVOCÃO E CRENÇA EM DISPUTA

A multiplicidade de conceituações de cultura materializa o funcionamento da ideologia no processo tanto da análise da terminologia “cultura”, quanto em sua matéria de aparelho ideológico de estado (Althusser, 1985). Assim como afirmam Ferreira & Ramos (2016, p. 225), é a ideologia, materializada na cultura, que gera a evidência fazendo com que um enunciado adquira determinado sentido sob a ilusão da transparência da linguagem. Passos (2003, p. 27) afirma que a cultura popular existe, após um efeito de massificação da expressão popular, em uma linha de produção, tornando os movimentos acessíveis a todos e criando uma nova “cultura”, que une o tradicional com um outro objeto, e, consoante ao predito, esse outro objeto é a ideologia.

A esse respeito, Althusser (1985) lista os Aparelhos Ideológicos de Estado (doravante AIE) tecendo uma distinção com os Aparelhos Repressivos de Estado. Nele, o autor argelino expõe que “o Aparelho repressivo de Estado ‘funciona pela violência’, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado *funcionam ‘pela ideologia’*” (Althusser, 1985, p.43). Dos AIE listados por Althusser aqui nos interessamos pelo religioso, materializado em imaginários de/sobre igreja, dentre outros objetos ideológicos, relacionando-o com a cultura, igualmente tomada enquanto um AIE.

Considerando-se na leitura materialista do discurso, proposta por Pêcheux (2009 [1975]), os indivíduos são constituídos como sujeitos dentro de formações discursivas, assumindo posições determinadas pelo discurso e pela ideologia, a análise investiga em alguns recortes as relações de sentido sobre “religião” e “devoção”, uma vez que o discurso é o lugar de produção do sujeito e da ideologia.

Para Pêcheux (2009 [1975]), a materialidade específica da ideologia se constituiria no discurso, e por conseguinte a materialidade específica do discurso se constitui na língua. O colóquio *Materialidades Discursivas* (1981a), é comumente utilizado como marco para o momento em que o campo da análise de discurso formula teoricamente a respeito das formulações linguageiras em suas materialidades específicas, que ultrapassam a dimensão da superfície linguística verbal. Considerando-que a materialidade discursiva se constitui na relação entre língua e ideologia,

[...] ela pode autorizar assim levar em conta as relações de antagonismo, aliança, recuperação, absorção... entre as formações discursivas relevantes de formações ideológicas determinadas e exprimir, assim, o fato de que dentro de uma dada conjuntura da história de uma formação social, caracterizada por um estado de relações sociais, os sujeitos falantes, naquele momento da história, pudessem concordar ou discordar do sentido a dar às palavras, falar diferentemente, ao falar a mesma língua [...] (Courtine, 2016, p. 16)

Para identificar as diferentes relações de sentido que se materializam, seguimos, ainda, Pêcheux (1981a, p. 7) quando ele afirma que “articular, portanto, verdadeiramente, sobre as materialidades discursivas, não ocorre sem que se desloquem fronteiras entre disciplinas”. Logo, para o autor, o discurso se constitui em objetos significantes que vão desde a língua, para materialidades como imagens, sons, barulhos, gritos etc. Para tanto, Suzy Lagazzi (2017) ao se questionar sobre qual seria a materialidade do discurso quando analisados objetos “significantes materialmente heterogêneos”, afirma:

Respondo a isso insistindo que a materialidade do discurso é a linguagem em suas diferentes materialidades significantes, quais sejam: a palavra, a imagem, o gesto, a musicalidade, o aroma, a cor, o enunciado, a cena, o corpo, a melodia, a sonoridade, enfim, diferentes relações estruturais simbolicamente elaboradas. Vejamos que a língua concebida como materialidade do discurso não está dissociada do sujeito, que por ela se constitui. Da mesma forma, o aroma, a cor, a imagem, o gesto... se constituem em materialidade significativa quando em relação com o sujeito, constituindo memória discursiva e, assim, se constituindo em linguagem. (Lagazzi, 2017. S.p.)

Fundamentados nesse dispositivo teórico-analítico, propomos gestos analíticos que se deflagraram a partir de um modelo batimento teoria/análise, que nos levou a diferentes projeções de sentido. Partimos inicialmente de recortes feitos em sites públicos, como o site do o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):<sup>6</sup>

Figura 1: matéria do ciclo festivo do Bumba meu boi

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/803/>. Acesso em: 29/08/2024.

Em 2014, o IPHAN postou em seu site oficial um artigo sobre o chamado “ciclo festivo do Bumba Meu Boi”. Na matéria descreve-se toda a passagem do ritual festivo da festa junina

<sup>6</sup> Cf. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/803/>

no Maranhão. Dentro do texto, o autor parte do Sábado de Aleluia, que marca o início oficial da temporada de ensaios dos grupos tradicionais. Passa pelo dia 23 de junho, véspera do dia de São João, onde acontecem os batismos dos miolos<sup>7</sup> dos Bois. Chegando até a morte dos bois, cuja data difere de brincadeira para brincadeira.<sup>8</sup> Para o que nos interessa, destacamos uma formulação, retirada dessa página do Iphan, que serve como ponto de entrada para a nossa análise:

SD1: “A partir desse ritual **católico**, adaptado para permitir que os grupos possam brincar, iniciam-se as apresentações, que se prolongam até o final do mês”

Inicialmente, identificamos que todas as marcações temporais feitas dentro da escrita do texto do portal do Iphan são feitas a partir de referências católicas. Parte-se do Sábado de Aleluia, que marca o primeiro dia depois da crucificação de Jesus Cristo, em seguida temos o Dia de São João em si, logo em seguida vem a data de São Marçal, e é finalizada pela alvorada na Capela de São Pedro. Nomes e Ritos que em determinada discursividade podem ser associados como católicos. Mas aqui podemos fazer movimentos parafrásticos de modo a desalinhar aquela formulação: o catolicismo é a única expressão religiosa presente na festa? Como são formuladas essas passagens quando analisadas as formulações dos próprios brincantes? Existem silenciamentos presentes naquela passagem?

Acrescentamos outra materialidade para análise. Em 2020, em meio a pandemia de Covid-19 e lockdown, o governo maranhense lançou uma série de iniciativas voltadas para a festa popular do São João. Naquele ano e no seguinte, as festividades, assim como todos os eventos de grande público no Maranhão e no Brasil, foram suspensas devido ao estado de calamidade sanitária pública. Dentre uma daquelas homenagens, foi publicado um edital de chamamento público para a construção de uma estátua, partiremos desse edital para iniciar a descrição de sequências discursivas (doravante SD).

---

<sup>7</sup> Miolo de boi, como o nome indica, refere-se à pessoa que fica dentro do boi (construção oca de madeira de material leve em formato de um boi e coberta de tecidos bordados durante a apresentação do BMB), controla a estrutura do boi de madeira, dando-lhe vida e movimentos durante as apresentações folclóricas. O miolo representa a alma do boi, conectando o mundo material com o espiritual. Cf. <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/bumba-meu-boi>

<sup>8</sup> No Maranhão as diferentes expressões culturais folclóricas, como o Boi, a quadrilha, o cacuriá, o tambor de crioula, dentre outros, são chamadas de brincadeiras pela população e pelos brincantes (dançarinos) desses grupos.

Em 2023, a Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH) lançou um edital de chamamento público<sup>9</sup> para a seleção de uma organização de sociedade civil que estivesse interessada em elaborar e executar o projeto de um monumento artístico em homenagem ao BMB. Este monumento seria localizado no Complexo Cultural da Madre Deus,<sup>10</sup> em proximidade à Avenida dos Portugueses.

Dentro do documento, encontramos a justificativa contextualizada para a realização do monumento. O lugar foi escolhido devido ao dia 29 de junho, dia de São Pedro, festejo que ocorre no largo da Capela de São Pedro, encontrado no bairro da Madre Deus. Temos neste trecho duas formulações que trazemos para o trabalho:

SD2: “O Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão é, antes de tudo, uma grande celebração na qual se confundem **fé, festa e arte**, numa mistura de **devoção, crenças**, mitos, alegria, cores, dança, música, teatro e artesanato, **entre outros elementos**”.

SD3: “O Festejo de São Pedro, celebração tradicional do estado há mais de 60 anos, sendo uma manifestação de cultura e **religiosidade**, com homenagens realizadas em alto-mar [...]”.

Aqui encontramos as formulações “devoção”, “fé”, “crenças” e “religiosidade”. textualizando as relações equívocas que materializam os antagonismos, aliança e absorção, de que nos fala Courtine, projetadas nos discursos sobre o BMB. Dentro das formulações diversos sentidos são projetados que apontam para as mais diferentes direções. A partir das lentes de religiosidade(s), podemos nos perguntar: qual *religiosidade* é essa presente na SD2? Existe apenas uma ligada à comemoração de São Pedro e São Marçal? Os pré-construídos que sustentam as relações entre *fé* e *festa* projetadas sustentam antagonismos?

Ao analisarmos o intradiscurso da SD2, interpretamos a superfície linguística formulada em lista de itens ordenados como um efeito de separação e diferenciação entre *devoção*, aquilo em o que se acredita, o ato de acreditar, e *crença*, algo que também se acredita, *mitos, festas* e demais elementos listados. Por que devemos distanciar um do outro? Quais

<sup>9</sup> O edital de chamamento está presente no site: [https://saoluis.ma.gov.br/midias/anexos/2773\\_edital\\_de\\_chamamento\\_publico\\_n\\_01-2023\\_-\\_fumph\\_monumento\\_bumba\\_meu\\_boi.pdf](https://saoluis.ma.gov.br/midias/anexos/2773_edital_de_chamamento_publico_n_01-2023_-_fumph_monumento_bumba_meu_boi.pdf). Acessado em: 19/01/2025.

<sup>10</sup> A relação do bairro Madre Deus é comumente narrada na mídia que chama o bairro de berço ou palco cultural. “Quem não conhece a Madre Deus? Berço cultural. É o bairro que dá o primeiro “grito” de carnaval (e o último a encerrar). É o bairro que concentra dezenas de grupos entre blocos tradicionais, organizados, bumba-boi, tambores de crioula, escolas de samba, dentre outras manifestações culturais. É o bairro onde acontece uma das maiores festas populares e religiosas do estado, a Festa de São Pedro, do dia 28 para o dia 29 de junho.”Cf. <https://oimparcial.com.br/cidades/2018/12/palco-da-cultura-bairro-da-madre-deus-completa-305-anos/>



religiões são devoções e quais são crenças? Existem entidades que “merecem” devoção e outras que devemos crença? No que constituiriam os *outros elementos* para os quais não há nomes ou determinações de sentido?

O Antropólogo maranhense Sérgio Ferretti (1998) explica como existe uma tentativa de silenciar a "raiz católica" em algumas religiões de matriz africana, ao mesmo tempo que, por parte da igreja católica, busca "purificar" a fé das pessoas, assim como uma parcela culta de algumas religiões de matriz africana, como o Candomblé e do Tambor de Mina, que buscam "limpar" as raízes africanas de suas fés. E podemos encontrar essa tentativa de silenciamento a partir do intradiscorso, ou seja, do que se formula na superfície linguística. Este autor afirma:

É evidente que hoje não se admite o uso de termos preconceituosos como credices, superstição, feitiçaria, bruxaria e ou expressões ultrapassadas como animismo e fetichismo, que foram empregados com frequência por estudiosos no passado e continuam sendo difundidos pelos meios de comunicação ao se referirem às religiões de origem africana, visando negar-lhes seu caráter religioso específico. (Ferretti, 1998, p. 188)

Sendo assim, a evidência do sentido é produzida pela ideologia no momento da saturação dos sentidos produzidas pelo apagamento (ou esquecimento) no instante de sua des-historicização nos ditos e não-ditos. Segundo Michel Pêcheux, no seu livro anteriormente citado *Semântica e Discurso*, a formação discursiva determina, dentro de suas condições de produção, aquilo que pode e deve ser dito. O autor francês afirma assim como o propósito de toda formação discursiva é dissimular a “transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 149). Para tanto, dentro do interdiscurso temos dizeres que afetam o modo do sujeito de significar em uma dada situação discursiva.

E desse modo traremos algumas SD's que ilustram os interdiscursos ao redor da prática religiosa no BMB, ainda inseridas nas mesmas condições de produção daquele documento. Logo, por volta de 2020, encontrados dois artigos dentro dos sites oficiais do governo do Maranhão, onde circulam sentidos sobre aquelas formulações supracitadas: devoção, crença e religião.

O primeiro é uma página do governo do estado do Maranhão,<sup>11</sup> cuja introdução ao artigo é a foto do largo de São Pedro (anteriormente citado neste artigo). Dentro do artigo, é possível observar uma extensa descrição da festa de São João em São Luís, passando por brincadeiras típicas (como o Boi Barrica e o Boi da Pindoba) e explicando a relação entre a *festa e fé*. Encontramos, já no primeiro trecho da reportagem, uma SD que projeta uma certa ligação entre devoção e catolicismo:

SD4: “O público **devoto** de São Pedro e amante da tradição cultural de festejar o **santo com cultura** e muito bumba meu boi no Largo de São Pedro, vai participar de uma festa em um espaço totalmente reformado. **Templo sagrado do catolicismo** e do bumba meu boi do Maranhão, a Capela de São Pedro foi entregue à comunidade no fim do ano passado reformada”.

No trecho, o termo “devoto”, encontra o de “cultura” com elementos do catolicismo atrelado aos dois por meio da comemoração do largo (e do próprio santo) de São Pedro. Sendo este local, onde a própria estátua do edital supracitado seria localizada.

Ademais, ainda no mesmo parágrafo da reportagem, destacamos o seguinte:

SD5: “Na ladeira, **fiéis, devotos** e brincantes se misturam em **fé, religiosidade** e festa”.

Identifica-se, por meio desta SD, mais uma vez “devotos” sendo ligado com religião, que por sua vez, por todos os signos antes citado, foi associada ao catolicismo. Em seguida, questionamos por que a fé é vista distanciada da religião? E por que o fiel é listado distanciando do devoto?

Em seguida, e analisando o segundo site,<sup>12</sup> dentro do portal da Secretaria de Estado do Turismo, existe uma aba pelo nome “Cultura e Festas Populares”. Ao clicar, o leitor é levado para um artigo que tenta explicar em algumas palavras várias festas e expressões populares centenárias do estado. Atentamos para como o BMB e a Festa do Divino são descritos dentro do artigo. No primeiro parágrafo temos o seguinte enunciado:

SD6: “Elevado a Patrimônio Imaterial do povo brasileiro, a manifestação tem origens indefinidas, mas elementos culturais africanos e europeus, introduzidos principalmente por meio da **religiosidade**, são evidentes”

Existe uma evidência que percorre todos os enunciados trazidos, funcionando como uma regularidade, que é a relação direta entre religiosidade e o vínculo com a festa em si. Mas

<sup>11</sup> <https://www.ma.gov.br/noticias/festas-para-sao-pedro-e-sao-marcal>. Acesso em 19/01/2025.

<sup>12</sup> <https://turismo.ma.gov.br/programas-ou-campanhas/cultura-e-festas-populares>. Acesso em 19/01/2025.

questionamos que religiosidade é essa? Por que no singular? Existe apenas uma religiosidade? Há um processo metonímico presente nessa passagem?

De modo a observar melhor esses questionamentos, trazemos mais uma SD recortada do site:

SD7: “Comemorada, durante todo o mês de maio, desde os tempos coloniais, a Festa do Divino Espírito Santo é uma curiosa mistura de **devoção** ao Divino com homenagens ao Império. O ‘imperador’ e sua corte, representada em trajes típicos, visitam as casas dos festeiros”<sup>13</sup>

Textualizam-se tensões e contradições sócio-históricas nas formulação da página do turismo do governo do estado em torno dos termos “devoção” e sentidos de religiosidade, postos como referência ao que se passa na festa do Divino. Existe uma relação direta entre a Festa do Divino e uma festa Cristã? Poderíamos chamar a devoção ao Divino, como religião?

Logo temos:

SD8: “Na cidade de Alcântara, os quilombolas encontravam refúgio para manter ‘quase que intactos’ seus **hábitos** e **crenças**”

Estando evidenciado na SD8, temos então “crença” sendo formulado pela primeira vez no corpus. Mas por que *crença*? O que difere esta formulação de *devoção* e *religião*? Projeta-se um silenciamento ao observarmos que essa crença está aliada a um certo hábito, para o qual podemos fazer alguns movimentos parafrásticos como *que atividades religiosas são essas? Por que elas não foram nomeadas como a Festa do Divino, como é posteriormente citada?*

Tendo em vista isso, o batimento estrutura e acontecimento encontrados no arquivo aponta para uma série de sentidos em disputa. Para tanto, existe uma latente contradição, que é base para a AD, sendo essa uma “impossibilidade de síntese na interpretação, [e] só tem espaço se as relações de estruturação permitem reestruturações e se as relações simbólicas permitem derivas de sentidos” (Lagazzi, 2017, s.p.). A esse respeito retomamos a pergunta que formula essas tensões discursivas: existe o São João de apenas uma religião?

Para tanto, Pêcheux afirmou, ainda em *Semântica e Discurso* (2009 [1975]), ao conceituar formação discursiva, que esta, quando é formulada em uma conjuntura dada, circunscrita em uma posição, luta de classe e "contexto" (posteriormente chamado de condições de produção), irá determinar o que pode ser dito e como este deverá ser formulado.

---

<sup>13</sup> Os sentidos projetados pelo verbo misturar, nessas condições de produção, foram analisados por Franca (2024, p. 310): “Os termos misturar, mesclar, miscigenar e unir são sempre retomados nessa discursividade que diz da culinária e que diz, ao mesmo tempo, da historiografia do contato entre povos. Eles apontam para efeitos de pré-construído de que há uma junção, onde cada alimento representa uma nacionalidade. Esse discurso é um modo de textualização e atualização dos sentidos da miscigenação que se deu no sangue dos brasileiros, e de discursos que reproduzem incessantemente a imagem do Brasil como mistura harmoniosa”.

Reproduzindo (e transformando) termos e "aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido" (Pêcheux, 2009 [1975], p. 47). Ou seja, sentidos são atualizados e modificados a depender das condições de produção onde eles se inserem. Pêcheux aponta:

As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (Pêcheux, 2009 [1975], p. 50)

Baseando-se nos documentos e espaços institucionais aqui apresentados, assim como nas SDs aqui trazidas, há um gesto que esvazia a historicidade presente nos discursos em um espaço de disputa que é o terreiro do BMB. Ao passo que a figura metafórica de chamar a religião por outra coisa pode, de certo modo, desconfigurá-la. Mas há diferentes vozes no momento da formulação. Diferentes discursos. Diferentes sentidos entrando em conflito no momento em que o amo ou cantador assopra seu apito e balança seu maracá.

### 3. DO INTERDISCURSO: FESTA É FÉ

Por que dividir o religioso de festa? A religião não é o palco de festa, ou vice-versa? A partir da SD1, pudemos ver como festa e religião não se misturam. Ao haver um afastamento produzido pela separação um e de outro, projeta-se uma distância entre aquilo que é sagrado, daquilo que poderia vir a ser profano. Que memórias sustentam a separação entre o que é tido como sagrado e aquilo que se produz discursivamente como profano?

Em 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)<sup>14</sup> entregou ao Ministério das Relações Exteriores a candidatura do São João para concorrer ao título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (que viria a ganhar em 2019). Alguns meses depois, em outubro, começou-se a ser feito um documentário intitulado Guriatã.<sup>15</sup> Dirigido e roteirizado por Renata Amaral e financiado com o apoio do projeto de fomento à cultura Rumos,

<sup>14</sup> <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/20/guriata-o-filme-sobre-o-maior-cantador-de-bumba-meu-boi-do-maranhao>. Acesso em 19/01/2025.

<sup>15</sup> Filme disponível na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=6ZsCzRhNcp0>. Acesso em 18/04/2024.

o registro fílmico reconta alguns passos do cantador do BMB de Maracanã falecido em 2015. Humberto Maracanã, chamado popularmente como o guriatã, nome que lhe foi atribuído pela comunidade por seu belo canto como cantador. O filme retrata a personalidade do mestre em cultura, em uma atmosfera muito mais intimista, tocando desde o seu início e do BMB de Maracanã – Humberto e BMB de Maracanã cujas histórias, inclusive, que acabam por se misturar.

No documentário, Humberto projeta outros sentidos diferentes daqueles formulados na página do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico. Não é a festa de apenas um santo. Contradição latente com o próprio nome do festejo. Não há, porém, uma ruptura com este santo. De forma alguma. Mas abrimos espaço para as mais diferentes religiões e religiosidades.

Há uma força maior que parece guiar os brincantes, assim como aqueles que assistem, no BMB. Humberto fala sobre isso em diversos momentos do registro fílmico. Para além dos santos católicos, para quem o batalhão dourado<sup>16</sup> presta homenagem em diversas canções,<sup>17</sup> há também a presença de outras crenças, divindades, religiões afro-brasileiras como o tambor de mina e candomblé. Veja no trecho a seguir:

Eu tava lá *numa* cura quando ele chegou. Depois ele me chamou, me ofereceu o maracá e eu cantei toada *pra* ele. Leonardo, ele era cunhado de seu Graciliano. E um senhor com o nome Pedro Te Pago. Pedro Te Pago. Tudo era negro, como nós. Só negão. E papai Deodoro. Esse pessoal, a hora que a gente vai guarnecer o boi. Primeiro ensaio do boi [inteligível] eles estão assim, ó, me olhando. E na hora do batismo do boi. [...]. Aquela influência vem forte na gente. A gente não resiste. A gente sente a presença no primeiro ensaio do boi. E no dia do batismo do boi. E gente, eu fico, eu fico arrasado. Eu sinto a presença daquele pessoal, principalmente, os mais antigos. Né? (Humberto Barbosa Mendes, cantador do Boi de Maracanã, aproximadamente 70 anos à época)

Retomando as SDs anteriormente analisadas, vemos diferentes formas de enunciar uma religião. Nas SD1, SD5 e SD8 vemos um afastamento manifestado nos signos “religião”, “devoção” e “crença”, distanciados ao serem listados, um após o outro. Esses termos podem e produzem os mesmos efeitos de sentido? O catolicismo, em um mesmo enunciado, poderia ser designado como crença, ou hábito? A festa do Divino, poderia ser reduzido apenas a uma

<sup>16</sup> Ou batalhão de ouro, como é conhecido popularmente o Bumba-meu-boi de Maracanã.

<sup>17</sup> Na toada “A coroa do Rei”, por exemplo. O cantador, Humberto, saúda o Rei Januário já na introdução da canção. Assim como ele também faz no documentário.

curiosidade? Na SD6, o sujeito tenta evidenciar o sentido da religiosidade, trazendo-o para o obscuro caminho das religiões das festas relacionadas em cada uma das descrições supracitadas. Festa, religião, cultura e, não obstante a nenhum desses, arte, podem ser vistas como instâncias onde seus sujeitos são interpelados a diferentes práticas. “Diferentes modos de formulação imbricados na produção da interpretação” (Lagazzi, 2017. S.p.). Existe uma rede de sentidos que apontam tanto para a casual estrutura do catolicismo, quanto para o acontecimento deslizante de uma manifestação religiosa que não se diz, não se propõe, mas se mostra. Está presente. Ela é multifacetada, pois ela é plural, e merece ser citada.

#### **4. EFEITOS DE FINALIZAÇÃO**

Este artigo buscou investigar o discurso sobre o religioso e religiosidade(s), e suas relações imbricadas na cultura, refletidas na expressão artística do BMB, com ênfase nas interações entre religião e a festa popular, particularmente no contexto da celebração de São João. O estudo buscou responder a questões centrais sobre a formulação e os sentidos de crença e devoção associados ao movimento cultural mais proeminente do Estado do Maranhão, examinando como esses sentidos se manifestam em documentos oficiais e no cinema relacionados à festividade. Através da análise das sequências discursivas foi possível observar a complexa conexão e as disputas de sentido que se projetam entre religiosidade e cultura popular.

A pesquisa destacou como a religiosidade é constituída e interpretada por diferentes sujeitos, refletindo uma diversidade de perspectivas e práticas associadas à celebração. A análise dos recortes de materialidades significantes, como voz, canto, corpo e dança, bem como das estratégias discursivas presentes nos arquivos e documentos, demonstrou a profundidade e a complexidade da interação entre o sagrado e o profano no contexto do BMB.

A contribuição deste trabalho para o entendimento da religiosidade no BMB é significativa, uma vez que ele lança um olhar mais minucioso sobre como as crenças e práticas religiosas se manifestam e se transformam na cultura. Além disso, a pesquisa revela a importância de considerar a diversidade de expressões e interpretações na análise de festas populares, destacando o papel crucial da memória e das estratégias discursivas na construção da identidade cultural e religiosa.

Para futuras investigações, sugere-se um aprofundamento na análise de outras manifestações culturais relacionadas ao BMB, bem como uma exploração mais ampla das implicações do discurso religioso na formação da identidade coletiva. A continuação deste trabalho pode oferecer novos insights sobre a dinâmica entre religiosidade e cultura popular, promovendo uma compreensão mais abrangente das práticas e significados envolvidos na celebração do BMB.

Acrescenta-se, para finalizar, uma dimensão que é central para esta pesquisa e que pela dimensão do estudo e objetivos estabelecidos, não pôde ser desenvolvida, mas que não podemos deixar de apontar e ao mesmo tempo de indicar um outro caminho de análise que iremos desdobrar em futuros textos. Há algo que sustenta e atravessa todos os discursos presentes – dos ditos e não ditos. Dentro do arquivo, podemos notar um nível racial(izado), que é pensado discursivamente por pesquisadores na AD como Glória França, no livro já citado acima *Gênero, raça e colonização: a brasilidade no olhar do discurso turístico no Brasil e na França* (2018), e Rogério Modesto, em *Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito* (2018). Dito diretamente por Humberto, no trecho acima citado, temos também uma memória que se repercute durante toda a sequência fílmica – são sujeitos negros. Religiosidade de matriz africana. Ritmos e instrumentos de matriz africana. Tudo isso que significa, sem dizer. Há uma memória de herança, daquilo que foi deixada por nossos avós,<sup>18</sup> com a contradição de guarnecer o batalhão para Deus, para se preparar para algo terrível que possa estar a caminho.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Citado “Maranhão, meu tesouro meu torrão” de Humberto Maracanã.

<sup>19</sup> Citando a toada “Negras Profecias” de João Chiador.

## **Ruptures et silences : la religion et la culture dans le Bumba meu Boi du Maranhão**

### **Résumé:**

Cet article explore différents discours autour des significations de la religion, du religieux et de leurs dérivations dans le contexte du Bumba meu Boi du Maranhão, en mettant l'accent sur les interactions entre religion et fête populaire. L'étude vise à répondre à des questions clés sur la formulation et les significations de la croyance et de la dévotion dans le cadre du Bumba meu Boi, ainsi que sur la manière dont ces significations se manifestent dans les discours liés à la fête de la Saint-Jean. La recherche examine comment différents acteurs construisent et interprètent la religiosité en lien avec la célébration culturelle du Bumba meu Boi, en réfléchissant aux aspects de mémoire, de silence et de rupture du silence présents dans ces formulations. À cette fin, des extraits d'énoncés formulés dans des espaces institutionnels du gouvernement du Maranhão sont analysés. L'analyse a mis en évidence une diversité de stratégies discursives présentes dans ces documents, révélant une multiplicité de compréhensions de ce qui est connu comme religion dans le contexte du Bumba meu Boi.

**MOTS-CLÉS :** Religion. Discours. Bumba meu Boi. Culture. Mémoire.



## REFERÊNCIAS:

ABDALLA, Anita. "**Guriatã**": o filme sobre o maior cantador de bumba meu boi do Maranhão. Disponível em: [<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/20/guriata-o-filme-sobre-o-maior-cantador-de-bumba-meu-boi-do-maranhao>]. Site do Jornal Nexo, 2023. Acesso em 19/01/2025.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

**Ciclo festivo do Bumba meu Boi do Maranhão**. Site do IPHAN, 2014. Disponível em: [<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/803/>]. Acesso em: 29/08/2024.

**Cultura e Festas Populares**. Site do Governo do Maranhão, [s.d.]. Disponível em: [<https://turismo.ma.gov.br/programas-ou-campanhas/cultura-e-festas-populares>]. Acesso em 19/01/2025

FERREIRA, M. C. L. **A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade ao equívoco** 1994. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

FERRETTI, Sergio. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100010>.

**Festas para São Pedro e São Marçal**. Site do Governo do Maranhão, 2022. Disponível em: [<https://www.ma.gov.br/noticias/festas-para-sao-pedro-e-sao-marcal>]. Acesso em 19/01/2025.

FRANÇA, Glória da Ressurreição Abreu. **Gênero, raça e colonização**: a brasilidade no olhar do discurso turístico no Brasil e na França. Campinas, SP: [s.n.], 2018.

\_\_\_\_\_. Imbricações materiais: dominação e resistência no corpo-discurso-digital. In: FLORES, Giovanna; NECKEL, Nadia R. M; GALLO, Solange; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Claudia; ZOPPI-FONTANA, Monica. (Org.). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia (vol 4). 1ed.Campinas: Pontes, 2019, v. 4, p. 79-94.

GONTIJO, Clóvis Salgado. Jankélévitch e a Música: uma reflexão movida pelo amor. In: JANKÉLÉVITCH, Vladimir. **A música e o inefável**. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2018.

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. **A música e o inefável**. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2018.

LAGAZZI, Suzy. Trajetos do Sujeito na Composição Fílmica. In: FLORES, Giovanna; NECKEL, Nadia R. M; GALLO, Solange; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Claudia; ZOPPI-

FONTANA, Monica. (Org.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia** (vol 3). 1ed.Campinas: Pontes, 2017, v. 4.

MODESTO, Rogério. **Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito**. São Luís: Littera Online, 2018.

PASSOS, Iran de Jesus Rodrigues dos. **A transição da cultura popular para a cultura de massa no Maranhão: aspectos do Bumba-meu-boi Pirilampo**. 2ª edição. São Luís: Quatro Passos, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Materialidades discursivas. In: **Colóquio Materialidades Discursivas**, 1980, Paris. Textos apresentados. Paris: Universidade Paris X – Nanterre, 1981a. p. 1-14.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2012 [1983a]

\_\_\_\_\_. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 19. Campinas: IEL/Unicamp, 1990, p. 08-24.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi. 4a Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1975].

RAMOS, Thaís Valim. Estereótipo cultural na Análise do Discurso. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento**. Campinas: Pontes, 2015.